

MARX COMO ALHEIO NESTE MUNDO

Um alheio neste mundo, porém, foi também ele, Karl Marx, mesmo. Judeu de descendência, cristão por batismo, prussiano por nacionalidade, alemão por cultura, filósofo de profissão – foi ele, realmente, tudo isso somente com profundo sem querer.

Contra o judaísmo Marx escreveu, na idade de 25 anos, um panfleto grave: um artigo “Para a questão judaica”. Nisso, descreve ele a religião judaica como a fé de adoradores de dinheiro: “O dinheiro é o deus zeloso de Israel, diante do qual nenhum outro deus pode existir.”

Muitos partidários de Marx tentaram desculpar sua crítica ao judaísmo com isto, que ela perseguiu não tanto o judeu como o capitalista burguês. Em todo o caso, o ódio de Marx a seus contemporâneos judeus tem traços neuróticos.

Ainda aos 61 anos ele relatou ao seu amigo Engels do Seebadeort Ramsgate britânico: “Muitos judeus e pulgas aqui mesmo.” Seu companheiro de luta socialista Lassalle,¹ ele denominou um “judeu negro”, sobre Moses Hell, seu companheiro e amigo paternal, escreveu ele, ele padeceu de “gonorreia crônica”. Nunca ele deixou, em adversários judeus, de mencionar seu nariz ou seu “cheiro ruim”. Seus relatórios sobre eles eram, muitas vezes, adornados com vocábulos iídiches, de preferência, tais de tipo pornográfico.

Cristão convicto Marx nunca foi. O deus celeste ele entendeu – com Ludwig Feuerbach,² seu contemporâneo – como obra mal feita das pessoas, a religião como ferramenta de poder das classes dominantes. “Os princípios sociais do cristianismo” escreveu ele em 1847, em Brüssel, “fixam a compensação conselheiral consistorial de todas as infâmias no céu e justificam, com isso, a continuação dessas infâmias na terra”.

O pai de Marx, Heinrich, advogado em Trier, nutria uma inclinação, certamente, muitas vezes, descontentada para a Preußen de Friedrich der Großen. Seu filho Karl expressava, ao contrário, seu desprezo pelo fato de ele denominar suas hemorroidas “as pérfidias prussianas”.

Aos alemães, Marx objetou seu “cansaço de alma”. Ele achava, “chineses, alemães e judeus” são do mesmo tipo e pau é “o único meio de ressurreição para o Michel alemão”.

Ele desejou aos alemães “vergonha nacional”, com o que ele, certamente, uniu uma revolução mundial alemã: “Se uma nação toda realmente se envergonhasse, então ela seria o leão que, para o salto, mete-se em si.”

¹ Nota do tradutor: Lassalle, Ferdinand. Über Verfassungswesen.

<https://www.gewaltenteilung.de/tag/ueber-verfassungswesen/>. Versão portuguesa: A essência da constituição. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Liber Juris Ltda, 1988. Tradução: Walter Stöner.

² Nota do tradutor: Feuerbach, Ludwig. Das Wesen des Christentums. Stuttgart: Reclam, 1988. Versão portuguesa: A essência do cristianismo. Campinas: Papyrus Editora, 1988. Tradução: José da Silva Brandão.

Alienou-se Marx de seu judaísmo pelo ato de violência do artigo “Para a questão judaica”, alineou-se ele com facilidade do cristianismo e do nacionalismo prussiano como alemão – então foi para ele a libertação da filosofia alemã o mais difícil.

A filosofia de Immanuel Kant, Johann Gottlieb Fichte e Georg Wilhelm Friedrich Hegel, o idealismo radical desses pensadores alemães, tomou, como escreve o padre jesuíta Calvez, “desde o início parte na formação de sua personalidade”. Eles queriam ele imitar.

O aspirar central da filosofia alemã desde Fichte foi elevar o espírito ao autor todo-poderoso-onisciente da história. Com Hegel esse “idealismo alemão” alcançou seu ponto culminante. Hegel mostrou como o “espírito mundial”, que luta até o fim dialeticamente todas as contradições, por ele mesmo produzidas, da história, chega à autorrealização sempre mais alta: pela “astúcia da razão”. Hegel considerou o estado como a “forma de apresentação absolutamente suprema” desse espírito mundial. Ele é, escreveu Hegel, “a ideia divina, como ela está presente na terra”.

Contra essa deificação do estado – e do espírito – revoltou-se o jovem Marx. Ele viu que essa filosofia não anulou o alheamento da pessoa na sociedade e história, mas firmou. Como estudante de Berlin de 19 anos ele descreveu a seu pai em uma carta, como ele em Stralow, uma aldeia à margem da cidade, lutou com a “melodia de rocha grotesca” da filosofia hegeliana: eu “corri de um lado para outro como louco no quintal, em Spree, na água suja “que lava almas e dilui chá””.

Primeiro seis anos depois, em Paris, deu bom resultado a ele o vencimento de Hegel – ao ele, como ele escreve mais tarde, pôr “em pé” sua filosofia. O estado é, escreve ele, um mero Abstraktum [abstrato]. Não o estado é, por conseguinte, o supremo, mas o povo, o Konkretum [concreto]. Posteriormente, ele transformou essa comprovação em conceitos mais gerais.

“Não é a consciência das pessoas”, escreve ele em 1859, no prefácio para “Kritik der Politischen Ökonomie” “que determina seu ser, mas, às avessas, seu ser social que determina sua consciência.”

Não o espírito, assim os alunos-Marx, sob isso também Engels, alargaram a teoria de Marx, rege a matéria, mas o espírito mesmo é somente a “forma de apresentação” suprema da matéria – assim como para o Hegel intelectual, às avessas, a “natureza” somente foi o “ser diferente” do espírito.

Tudo o que Marx em sua vida escreveu e ensinou – o chamado materialismo histórico e o, a ele com razão duvidosa atribuído, “materialismo dialético” – remontam à vontade de Marx, modificar este mundo que, como ele desde 1844 achou reconhecer, decorre segundo leis econômicas determinadas.

Essa legalidade – necessidade por ele denominada – significa que a pessoa está sujeita a um poder alheio. Esse poder alheio e alienado trata-se de dissolver – por “participação consciente no processo de revolucionamento histórico da sociedade”.

Fonte: Der Spiegel Edition Geschichte 1/2018

200. Geburtstag Karl Marx, S. 53 f. Pontuação no original. O latim foi mantido, sua tradução está em colchetes.

(...)

Sem dúvida, também Marx partiu da ideia que o mundo somente por força – por revolução – pode ser modificado. Os comunistas, assim escreveu ele em 1848 no “Manifest”, “declaram abertamente que suas finalidades somente podem ser alcançadas pela subversão violenta de toda a ordem social até agora”.

Fonte: Der Spiegel Edition Geschichte 1/2018

200. Geburtstag Karl Marx, S. 57. Pontuação no original.

(...)

Certamente: que essa vontade de alteração – em sua formulação marxista, desnudada da piedade judia – continha a tendência de estabelecer poder “alienante” novo e de modo novo sobre as pessoas, mostrou-se em plena clareza primeiro depois da morte de Marx, em 14 de março de 1883. Dois russos, dois autores violentos, Lenin e Stalin, realizaram essa nova alienação.

Fonte: Der Spiegel Edition Geschichte 1/2018

200. Geburtstag Karl Marx, S. 57. Pontuação no original.